



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENSINO DE FRANCÊS**

PAULO CESAR DA SILVA LOPES JUNIOR

**ÉDOUARD LOUIS: AUTOBIOGRAFIA, ESCOLA E ENSINO
DE LITERATURA**

Rio de Janeiro

2025

PAULO CESAR DA SILVA LOPES JUNIOR

ÉDOUARD LOUIS: AUTOBIOGRAFIA, ESCOLA E ENSINO DE LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Ensino de Francês do Programa de Pós-Graduação *lato sensu* ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Francês.

Orientador: Prof. Dr. Edmar Guirra dos Santos

Rio de Janeiro

2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

L864 Lopes Junior, Paulo Cesar da Silva
Édouard Louis : autobiografia, escola e ensino de literatura / Paulo Cesar da Silva Lopes Junior. - Rio de Janeiro, 2025.

30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Edmar Guirra dos Santos.

1. Língua francesa - Estudo e ensino. 2. Literatura - Estudo e ensino. 3. Louis, Édouard, 1992-. 4. Autobiografia na literatura. 5. Desigualdade social. I. Santos, Edmar Guirra dos. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 440

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

PAULO CESAR DA SILVA LOPES JUNIOR

ÉDOUARD LOUIS: AUTOBIOGRAFIA, ESCOLA E ENSINO DE LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Ensino de Francês do Programa de Pós-Graduação *lato sensu* ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Francês.

Aprovado em maio de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Edmar Guirra dos Santos
Colégio Pedro II
Orientador

Prof^a. Dr^a. Claudia Maria Pereira de Almeida
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2025

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a todas as pessoas que, assim como eu, não puderam experienciar suas sexualidades, identidades e singularidades como gostariam, ao longo de suas vidas.

AGRADECIMENTOS

À espiritualidade.

À minha família, tanto paterna quanto materna.

Aos meus pais, que acreditaram e investiram em mim.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), minha *alma mater*, por me proporcionar uma formação pública, gratuita e de qualidade.

Ao Instituto de Letras da UERJ (ILE-UERJ) e ao Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), aos quais devo a formação no Bacharelado e na Licenciatura.

Ao curso de Especialização em Ensino de Francês (EEFRA), oferecido pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) do Colégio Pedro II (CPII), pela formação que me tornou Especialista em Ensino de Francês.

Ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras (PPGL-UERJ), que me conferiu o título de Mestre em Letras.

À Université Paris 8 Vincennes - Saint-Denis, que me acolheu como *Doctorant Invité* (Doutorando Convidado) e tornou possível a internacionalização de minha pesquisa.

À Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo apoio e incentivo foram fundamentais para a realização de meu percurso acadêmico.

A todos os meus professores, do ensino básico até a pós-graduação, tanto no âmbito *lato sensu* quanto *stricto sensu*.

Àqueles que já partiram e àqueles que permaneceram ao meu lado, que, de alguma forma, contribuíram ou inspiraram meu desenvolvimento pessoal, espiritual e profissional.

A todos vocês aqui referidos: o meu mais sincero agradecimento.

“Disseram-me que a literatura nunca deveria soar como um manifesto político, e no entanto afio cada uma de minhas frases como se afia a lâmina de uma faca”

(Édouard Louis, 2023)

RESUMO

LOPES JUNIOR, Paulo Cesar da Silva. **Édouard Louis**: autobiografia, escola e ensino de literatura. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

Nosso trabalho propõe um estudo da literatura como um espaço de emancipação humana no ensino, explorando a articulação entre as teorias do pacto autobiográfico de Philippe Lejeune, a sociologia da educação de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron e as reflexões da professora Cyana Leahy-Dios. A partir dessa perspectiva, abordaremos a questão da escola em duas autobiografias de Édouard Louis, um jovem escritor francês que tem ganhado projeção tanto no cenário nacional quanto internacional ao transformar seu percurso de vida em matéria literária. Focaremos em obras como *O fim de Eddy* (2018) e *Mudar: método* (2024), as quais serão investigadas com o objetivo de evidenciar como Louis tensiona as fronteiras entre o indivíduo e o coletivo, revelando os efeitos da dominação econômica, cultural, social e simbólica sobre os sujeitos marginalizados. Dessa maneira, ao mobilizarmos a literatura de Louis em contextos educativos, sugeriremos que os estudantes possam refletir sobre desigualdade, exclusão e violência estrutural, sem a necessidade de conhecimento prévio de referenciais teóricos da sociologia. Proporemos, assim, integrar as autobiografias de Louis ao ensino como uma ruptura com as práticas pedagógicas tradicionais, proporcionando aos alunos a oportunidade de realizar uma leitura crítica das estruturas sociais. Nossa abordagem destacará também a importância do papel do professor, que precisa atuar como mediador crítico entre o texto e o leitor, estimulando o pensamento reflexivo e a construção de saberes coletivos, conscientes e politicamente engajados. Por fim, sustentaremos um modelo de educação literária que vai além da simples fruição estética, comprometendo-se com a transformação social e utilizando a literatura como ferramenta de análise crítica e intervenção no contexto educacional.

Palavras-chave: Édouard Louis; literatura; autobiografia; desigualdade social; ensino de francês.

RÉSUMÉ

LOPES JUNIOR, Paulo Cesar da Silva. **Édouard Louis**: autobiografia, escola e ensino de literatura. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

Notre travail propose une étude de la littérature comme espace d'émancipation humaine dans l'enseignement, en explorant l'articulation entre les théories du pacte autobiographique de Philippe Lejeune, la sociologie de l'éducation de Pierre Bourdieu et Jean-Claude Passeron, ainsi que les réflexions de la professeure Cyana Leahy-Dios. Dans cette perspective, nous aborderons la question de l'école à travers deux autobiographies d'Édouard Louis, un jeune écrivain français qui a gagné en notoriété tant sur la scène nationale qu'internationale en transformant son parcours de vie en matière littéraire. Nous centrerons sur des œuvres telles que *En finir avec Eddy Bellegueule* (2018) et *Changer : méthode* (2024), qui seront examinées dans le but de mettre en évidence la manière dont Louis met en tension les frontières entre l'individuel et le collectif, révélant les effets de la domination économique, culturelle, sociale et symbolique sur les sujets marginalisés. Ainsi, en mobilisant la littérature de Louis dans des contextes éducatifs, nous suggérerons que les élèves puissent réfléchir à l'inégalité, à l'exclusion et à la violence structurelle, sans avoir besoin d'une connaissance préalable des référentiels théoriques en sociologie. Nous proposerons ainsi d'intégrer les autobiographies de Louis à l'enseignement comme une rupture avec les pratiques pédagogiques traditionnelles, offrant aux élèves l'opportunité de réaliser une lecture critique des structures sociales. Notre approche mettra également en lumière l'importance du rôle de l'enseignant, qui doit agir comme un médiateur critique entre le texte et le lecteur, en stimulant la pensée réflexive et la construction de savoirs collectifs, conscients et politiquement engagés. Enfin, nous défendrons un modèle d'éducation littéraire qui dépasse la simple jouissance esthétique, en s'engageant dans une transformation sociale et en utilisant la littérature comme outil d'analyse critique et d'intervention dans le contexte éducatif.

Mots-clés : Édouard Louis ; littérature ; autobiographie ; inégalité sociale ; enseignement du français.

LISTA DE FIGURAS (ILUSTRAÇÕES)

Figura 1 – Édouard Louis e Paulo Cesar Junior na livraria Les Cahiers de Colette em Paris	26
-------------------------------------------------------------------------------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	UM PANORAMA SOBRE ÉDOUARD LOUIS	14
3	CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: A ESCRITA COMO PRÁTICA SOCIAL.....	17
4	A QUESTÃO DO ENSINO NA LITERATURA ÉDOUARDIANA	22
5	ÉDOUARD LOUIS EM SALA: UMA ATIVIDADE AUTOBIOGRÁFICA	26
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

Nossa investigação se constitui como desdobramento de um percurso formativo cuja tessitura se vem delineando, ao longo dos últimos anos, por meio da articulação entre vivências acadêmicas e o aprofundamento interdisciplinar no campo das Letras. Desse modo, propomo-nos, neste espaço introdutório, não apenas a explicitar os fundamentos que orientam o presente trabalho, mas também a inscrever, entre suas linhas, o caminho que nos conduziu até aqui.

Nossa pesquisa tem início no ano de 2018, no curso de Graduação em Letras - Habilitação: Português - Francês e Respectivas Literaturas, desenvolvida no âmbito do grupo de Iniciação Científica “Escritas de si e memória familiar na literatura francófona contemporânea”, sob a coordenação da Professora Doutora Laura Barbosa Campos, no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ILE-UERJ).

No transcurso dessa etapa formativa, no contexto do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ (PPGL-UERJ), em nível de Mestrado em Letras (Área de Concentração: Estudos de Literatura – Especialidade: Teoria da Literatura e Literatura Comparada), sob a orientação da Professora Doutora Deise Quintiliano Pereira, aprofundamos o *corpus* de nossa dissertação, intitulada *Na vida e na escrita: o universo autobiográfico de Édouard Louis em O fim de Eddy e na História da violência*. Nesse processo, incorporamos também *Histoire de la violence [História da violência]* (2016), segunda obra autobiográfica de Louis, o que nos permitiu uma análise mais densa das reinscrições da violência, da marginalização e da subjetividade em seu projeto político, estético e literário.

Atualmente, nosso trabalho com Édouard Louis se expande no contexto do Doutorado em Letras, dentro da mesma área de concentração e especialidade. Nossa tese, intitulada *Édouard Louis: os combates e as metamorfoses de um jovem gay na literatura francesa*, está em desenvolvimento tanto na UERJ, sob a orientação da Professora Doutora Deise Quintiliano Pereira, especialista em literatura, quanto na Université Paris 8 Vincennes - Saint-Denis¹, sob a coorientação da Professora Doutora Clara Lévy², especialista em sociologia da literatura. Nesta fase, nossa análise literária

¹ O vínculo com a universidade foi estabelecido durante nosso Estágio Doutoral Internacional, realizado no contexto do Programa de Doutorado-sanduiche no Exterior (PDSE), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² A colaboração com a professora abrange tanto a coorientação de nossa tese no Brasil quanto o

se volta para a obra *Changer : méthode* [Mudar: método] (2021) cuja leitura é realizada em diálogo com outras autobiografias do autor, com foco nos processos de deslocamento identitário e nos mecanismos estético-discursivos por meio dos quais Louis revela as reconfigurações de si nos meios sociais em que esteve e se insere.

Paralelamente, nossa pesquisa também foi desenvolvida no curso de Especialização em Ensino de Francês (EEFRA), oferecido pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) do Colégio Pedro II (CPII), sob a orientação do Professor Doutor Edmar Guirra dos Santos. Nesse cenário, cumpre salientar que, embora em constante diálogo com os referenciais teóricos do doutorado, nossa pesquisa nesta especialização segue uma orientação distinta. Enquanto o percurso *stricto sensu* privilegia o enfoque literário, a vertente *lato sensu* concentra-se nas potencialidades do ensino de literatura como ferramenta de mediação cultural e conscientização social, com um olhar especial para o contexto educacional.

Portanto, nas páginas a seguir, exploraremos parte da trajetória do autor francês Édouard Louis e o modo como seu estilo literário pode contribuir para o ensino de literatura com foco na conscientização social. Para isso, proporemos um diálogo entre as teorias do pacto autobiográfico de Philippe Lejeune, as contribuições de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron para a sociologia da educação, e as reflexões da professora e escritora Cyana Leahy-Dios, da Universidade Federal Fluminense (UFF), com destaque para o seu livro *Educação literária como metáfora social* (2004).

acolhimento, na condição de *Doctorant Invité*, pela equipe LabTop, vinculada ao laboratório Cresppa, no âmbito da École Doctorale Pratiques et Théories du Sens da Université Paris 8 Vincennes - Saint-Denis na França.

2 UM PANORAMA SOBRE ÉDOUARD LOUIS

No efervescente cenário literário francês contemporâneo, emerge a figura de um jovem escritor que tem conquistado ampla projeção, tanto no âmbito nacional quanto internacional, ao transformar seu próprio percurso de vida em matéria literária. Retomando, à sua maneira, a máxima de Montaigne — sendo o próprio autor a matéria de seu livro —, Édouard Louis tem construído uma obra que, ao articular elementos autobiográficos e análises sociológicas, convoca o leitor a refletir sobre as formas de dominação, exclusão e violência que atravessam os corpos e as subjetividades nas sociedades contemporâneas.

Nascido em 30 de outubro de 1992, na pequena comuna de Hallencourt, localizada na região da Picardia, no norte da França, o escritor provém de uma origem humilde, marcada por profundas desigualdades sociais. Filho de uma família operária, cresceu em um vilarejo com cerca de mil habitantes, onde as limitações econômicas, a precariedade dos serviços públicos e a rigidez das estruturas sociais moldaram sua experiência de vida. Assim,

[...] graças a seu bom desempenho no teatro, Louis teve a oportunidade de estudar o Ensino Médio longe de casa. Esse deslocamento, que o fez sair de Hallencourt, foi um fator de extrema importância para a sua jornada enquanto jovem trânsfuga geográfico e social. A partir dessa mudança, Édouard pôde reinventar a sua vida, apostando nos estudos acadêmicos, no engajamento político e, sobretudo, nas escritas de seu passado sombrio – vivido aproximadamente até os 15 anos – numa vila operária no norte da França (Lopes Junior, 2022, p. 14).

Em seu livro *Mudar: método*, publicado no Brasil em 2024 pela editora brasileira Todavia e originalmente lançado na França como *Changer : méthode* em 2021 pela gigante francesa Éditions du Seuil, o escritor francês rememora como as gerações anteriores de sua família — compostas por homens submetidos a trabalhos físicos exaustivos, marcados por doenças e frustrações — traçavam um horizonte limitado e repetitivo em suas vidas: “Quando eu tinha seis ou sete anos, via esses homens à minha volta e achava que a vida deles seria a minha, que um dia eu iria para a fábrica como eles e que a fábrica me faria curvar as costas também”³ (Louis, 2024, p. 12).

Nesse cenário de privações materiais, o autor também dedica atenção especial ao ambiente familiar, marcado por violências cotidianas, silenciamentos e opressões

³ Este artigo recorre às traduções brasileiras das obras de Édouard Louis, tanto por questão de conveniência — ao utilizar versões já publicadas por editoras — quanto como forma de valorizar o trabalho dos tradutores e favorecer a recepção pelo público leitor. Ressalte-se, no entanto, que o autor deste trabalho se encontra familiarizado com os textos originais em francês.

de diversas ordens. Em seu livro *O fim de Eddy*, publicado originalmente na França em 2014 sob o título *En finir avec Eddy Bellegueule* pela Éditions Seuil e lançado no Brasil em 2018 pela editora Planeta do Brasil, o autor explora a dureza de sua infância em meio a uma estrutura familiar atravessada por homofobia e repressão:

Meus pais chamavam isso de *ares*, me diziam, *pare com esses seus ares*. Eles se perguntavam *por que Eddy se comporta como uma mocinha?* Eles me admoestavam: *Para quieto, você não consegue parar de se mexer, feito uma mulher doida*. Eles pensavam que eu tinha escolhido ser afeminado, como uma estética própria que eu tivesse perseguido a fim de desagradá-los (Louis, 2018b, p. 23).

É nesse contexto que, desde muito jovem — mesmo sem compreender as formas de violências a que era submetido —, Édouard Louis começava a desenvolver um desejo latente de ruptura. Desse modo, ainda que esses mecanismos que sustentavam esse regime de exclusão lhe fossem, à época, opacos, começava a se delinear uma percepção intuitiva de que sua existência estava condicionada por dispositivos estruturais que limitavam seus horizontes de vida. Como nos diz em seu livro *Combats et métamorphoses d'une femme*, dedicado à sua mãe, publicado na França em 2021 pela Éditions Seuil e traduzido no Brasil em 2023 como *Lutas e metamorfoses de uma mulher* pela editora Todavia: “A pobreza se impõe sempre com um manual de conduta que ninguém precisa publicar para conhecer” (Louis, 2023, p. 43).

Em *Mudar: método* (2024), Édouard Louis narra o processo de transformação que marca a passagem da adolescência à vida adulta. O teatro escolar, incentivado por uma professora de francês, surge como uma oportunidade de fuga da realidade pobre e violenta do vilarejo onde cresceu. Dessa forma, o envolvimento com a arte cênica vai além da atividade extracurricular: torna-se estratégia de sobrevivência simbólica e motor para a construção de uma nova identidade. A mudança, então, para Amiens consolida esse movimento, ao proporcionar o contato com os modos de vida da burguesia ilustrada — hábitos culturais, vocabulário, gostos e comportamentos diferentes dos que marcavam sua infância.

Diante disso, a amizade com Elena em Amiens, colega de escola, assume papel fundamental. Através dela, abrem-se as portas para um universo até então desconhecido, feito de livros, cinema, conversas intelectuais e referências estéticas que o ajudam a ressignificar o passado. É também por meio dessa amizade que ocorre o primeiro contato com a obra de Didier Eribon, especialmente *Retour à Reims*

[Retorno a Reims] (2009), cuja leitura permite compreender experiências pessoais à luz das estruturas sociais. Desse modo, o encontro com o autor — que mais tarde se tornaria seu orientador de doutorado — representa um ponto de inflexão em sua vida: não apenas inspira a transformar a sua dor em narrativa, como também oferece o suporte necessário para a publicação do primeiro livro autobiográfico, que inaugura seu projeto literário.

A partir disso, em 2014, com apenas 21 anos, o jovem escritor lança *En finir avec Eddy Bellegueule*, um livro que rapidamente atrai atenção do público pela sua narrativa visceral e pelo seu viés contestador. Nele, Édouard Louis expõe de forma crua a violência de sua infância e adolescência, transformando sua experiência pessoal em denúncias sociais. Seu estilo de escrita, simultaneamente pessoal e sociológica, rompe com as convenções da *intelligentsia* francesa e estabelece Louis como uma das vozes mais importantes da literatura francesa contemporânea:

Minha vida toda mudou depois da publicação desse livro e dos outros que lancei em seguida. [...] De repente, o que eu tinha escrito foi traduzido na Itália, na China, na Grécia, eu percorri o planeta, viajei pelo Japão para apresentar meu trabalho, o que agora eu chamava de meu trabalho, fui ao Chile, a Kosovo, à Argentina, à Noruega (Louis, 2024, p. 231).

Nesse contexto, Édouard Louis constrói um projeto político, estético e literário que se inscreve no campo autossociobiográfico⁴, inspirado em figuras como Annie Ernaux — autora laureada com o Prêmio Nobel de Literatura em 2022 por sua escrita autobiográfica entrelaçada também de análises sociológicas — e Didier Eribon, escritor e sociólogo francês cuja obra articula memória, identidade e sexualidade. Desse modo, através de narrativas ancoradas na própria experiência, sua escrita mobiliza o arcabouço teórico de Pierre Bourdieu — especialmente os conceitos de *habitus*, violência simbólica e reprodução das desigualdades — para desvelar e denunciar as estruturas de uma sociedade elitista, homofóbica e excludente. Trata-se, assim, de um projeto literário que não apenas narra uma realidade marcada por opressões, mas que também busca intervir nela, desvelando seus mecanismos e propondo novos modos de existir no mundo.

⁴ Segundo a professora e pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Laura Barbosa Campos (2022, p. 391), o termo “autossociobiografia” foi cunhado por Annie Ernaux para definir a especificidade de sua escrita literária. Essa noção convoca diretamente outros autores que vivenciaram processos de mobilidade social, configurando-se como uma prática narrativa que vem inspirando uma nova geração de escritores contemporâneos — entre eles, destaca-se o jovem autor francês Édouard Louis.

3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: A ESCRITA COMO PRÁTICA SOCIAL

Na tentativa de construir uma base teórica sólida que possibilite compreender e sistematizar os múltiplos modos de narrar a própria vida, recorremos à coletânea *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*, de Philippe Lejeune. Considerado um dos maiores estudiosos das escritas de si, Lejeune ocupa posição central nos debates contemporâneos sobre autobiografia. Dessa maneira, tomaremos como referência a conceituação de autobiografia formulada pelo ensaísta, que a define como: “[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (Lejeune, 2014, p. 16).

Ao formular tal definição, Lejeune não se restringe a uma caracterização estrutural da autobiografia; o ensaísta propõe, assim, um aparato teórico que permite compreender as condições de possibilidade desse tipo de narrativa. A ênfase recai, portanto, sobre os dispositivos formais que garantem sua legibilidade enquanto autobiografia, tais como: a utilização da primeira pessoa, a reivindicação de uma experiência vivida e um contrato de leitura entre autor e leitor, entre outros. Essa perspectiva, ao enfatizar os aspectos pragmáticos e discursivos do gênero, conduz à formulação do conceito central de pacto autobiográfico.

Esse “pacto”, conforme delineado por Lejeune, aprofunda justamente a noção do contrato de leitura que estrutura o gênero: trata-se, assim, de um critério onomástico entre o autor, o narrador e o personagem, no qual se estabelece uma identidade compartilhada. Nas palavras do teórico francês, “Para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o *autor*, o *narrador* e o *personagem*” (Lejeune, 2014, p. 18). Essa perspectiva tem se mostrado particularmente produtiva para a proposta de exercício que lançaremos e para a análise dos textos de Louis, cuja escrita tensiona continuamente as fronteiras entre a literatura e o real, mobilizando estratégias próprias da autobiografia não apenas para narrar uma história individual, mas para inscrevê-la nas dinâmicas sociais de opressão e exclusão.

Compreendemos, dessa maneira, que o estabelecimento do pacto autobiográfico pode ser uma ferramenta relevante para legitimar as experiências de nosso autor-narrador-personagem. Além disso, esse “pacto” pode também mobilizar as experiências de alunos que, assim como nosso protagonista, foram marcados por desigualdades sociais, ajudando-os a refletir sobre suas próprias histórias e os

contextos que as moldam. Esse processo não só valida narrativas individuais, mas também abre espaço para que as vozes daqueles que experimentaram a marginalização social sejam ouvidas e reconhecidas. Como afirma Édouard Louis, em entrevista concedida ao programa Roda Viva da TV Cultura, “Na verdade, eu vejo a literatura também como uma luta estratégica para vencer uma batalha particular”⁵ (Louis, 2024, tradução nossa).

Diante disso, tomaremos como referência a obra *Os Herdeiros: Os Estudantes e a Cultura* (2014), de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, que oferece uma perspectiva crítica para analisar a ascensão social de Édouard Louis. Publicado originalmente em 1964, o livro tornou-se uma referência fundamental nos estudos de sociologia da educação ao desmontar o mito da escola republicana como instância de emancipação humana. Nesse contexto, em vez de promover a tão proclamada democratização cultural e o ideal de mobilidade social, a escola aparece, na leitura dos autores, como um dispositivo de reprodução das desigualdades estruturais, que transforma privilégios herdados em méritos escolares aparentes e naturaliza, sob a retórica do mérito, os destinos sociais pré-estabelecidos.

As narrativas de Édouard Louis nos mostram por sua vez que as rupturas sociais e culturais, embora factíveis, implicam custos, muitas vezes, físicos e demandam um processo complexo de reconfiguração tanto pessoal quanto social. O caminho percorrido não segue uma ascensão linear ou predeterminada, mas resulta de escolhas subjetivas interligadas a uma série de oportunidades extraordinárias que surgiram em momentos decisivos da vida do autor. Essas oportunidades, frequentemente imprevistas, manifestaram-se como acessos que Louis soube desfrutar, em consonância com seu objetivo de transformação. Entretanto, tal rota não esteve isenta de desafios, exigindo o enfrentamento de barreiras de opressão, entrelaçadas com os determinantes de sua origem social, o preconceito arraigado em sua orientação sexual e a constante necessidade de validação de seu valor.

Dessa forma, propormos examinar o percurso desse trãnsfuga de classe⁶ como um caso paradigmático das dificuldades enfrentadas por indivíduos oriundos das

⁵ No original: “En fait, je vois aussi la littérature comme un combat stratégique pour gagner un combat particulier” (Louis, 2024). A transcrição e a tradução do áudio em francês para o português foram feitas pelo autor deste trabalho.

⁶ Para Bernard Lahire (2009, p. 174), “Denomina-se, às vezes, em sociologia ‘trãnsfuga de classe’ a pessoa que nasceu num meio social e que, em sua vida adulta, vive num outro meio social. Casos mais frequentemente estudados (ou ao menos mencionados) são os de mobilidade social ascendente através da via escolar”.

camadas populares no processo de ascensão social por meio da educação formal. A presente investigação se ancora em suas obras autobiográficas, cuja leitura é orientada pelo pacto autobiográfico delineado por Philippe Lejeune. Assim, sem reduzirmos a complexidade estética e literária das obras de Louis a uma leitura meramente sociológica, buscamos, no entanto, evidenciar os elementos estruturais e simbólicos que atravessam sua narrativa e que se revelam cruciais para a compreensão dos mecanismos de exclusão e das estratégias de resistência mobilizadas por sujeitos em posição de desvantagem social.

Nessa perspectiva, ao destacarmos os aspectos relevantes da relação entre sua origem social e o seu acesso ao capital escolar, almejamos desenvolver uma reflexão crítica sobre os entraves impostos àqueles que tentam redefinir sua posição na hierarquia social por intermédio da escola, ressaltando, dessa forma, o valor de sua literatura como testemunho e como instrumento de análise das desigualdades educacionais.

É nesse ponto que as teorias de Bourdieu e Passeron se mostram ainda mais elucidativas para compreendermos o percurso singular de Édouard Louis. Embora o autor tenha conseguido ultrapassar as barreiras estruturais impostas pela origem social e alcançar espaços de prestígio material e cultural, sua história não escapa das dinâmicas reveladas em *Os herdeiros: os estudantes e a cultura* (2014), em que se evidencia que a escola, ao invés de garantir igualdade de oportunidades, serve como uma instância de consagração dos já consagrados.

Nesse sentido, é fundamental observarmos que, mesmo quando ocorre a inserção de sujeitos das classes populares no ensino superior, tal entrada não é isenta de restrições. Conforme apontam Bourdieu e Passeron (2014, p. 22), “[...] esses estudantes devem pagar com a escolha forçada de letras ou de ciências sua entrada no ensino superior, que tem para eles duas portas e não cinco”. Essa “escolha forçada” limita concretamente o espectro de possibilidades acadêmicas disponíveis a esses estudantes, conduzindo-os a percursos marcados menos pela vocação que pela adaptação às margens do sistema.

Essa dinâmica se manifesta de forma contundente nas narrativas de Édouard Louis. Ao optar por estudar sociologia, o escritor adentra um campo que, como bem observam os sociólogos, tende a acolher estudantes das camadas populares — muitas vezes relegados a essas áreas — ao passo que os mais privilegiados podem ali circular com legitimidade e sem questionamentos. Sob essa ótica, Louis expõe a

tensão que marcou sua inserção em espaços de prestígio, como a universidade, ao afirmar: “[...] eu sempre conseguia dizer que estudava na École Normale Supérieure, sem especificar que tinha entrado pelo processo de seleção menos prestigioso da escola, eu estava me iludindo, era um intruso” (Louis, 2024, p. 211).

Outro conceito relevante, extraído da obra de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, é o de *habitus*, cuja aplicação se revela particularmente profícua para a análise dos aspectos escolares na obra de Édouard Louis. Nessa esteira, o *habitus*, entendido como um sistema de disposições incorporadas que orientam as percepções, as ações e as escolhas dos indivíduos, oferece uma chave interpretativa para compreender os percursos sociais descritos pelo autor-narrador-personagem, sobretudo no que se refere às violências simbólicas e estruturais vividas pelas classes populares.

Diante disso, ao analisarmos os processos de transformação desse autor-narrador-personagem em suas obras, particularmente no movimento de ruptura com o meio de origem, o conceito de *habitus* torna-se fundamental para compreendermos como determinadas práticas e visões de mundo são internalizadas e, eventualmente, questionadas ou superadas a partir de experiências de mobilidade social e deslocamento cultural:

Os estudantes mais favorecidos não devem somente ao seu meio de origem hábitos, treinamentos e atitudes aplicáveis diretamente às suas tarefas escolares; eles também herdam saberes e um saber-fazer, gostos e um ‘bom gosto’ cuja rentabilidade escolar, por ser indireta, é ainda mais certa (Bourdieu; Passeron, 2014, p. 34).

No caso de Édouard Louis, observamos um *habitus* forjado em um meio operário, homofóbico e marcado por desigualdades — em uma pequena cidade do interior da França — que entra em dissonância com os códigos simbólicos e comportamentais das classes cultas, sobretudo a partir de sua inserção em espaços intelectuais e universitários. Tal confronto desencadeia um intenso processo de transformação, tanto física quanto subjetiva. Em *Mudar: método* (2024), Louis descreve esse esforço de ruptura como uma reconstrução integral de si mesmo — física, linguística e socialmente — com o objetivo de incorporar novos modos de ser e de se apresentar como legítimo no novo espaço social que passou a ocupar:

Com pouco mais de vinte anos troquei meu sobrenome na justiça, mudei de nome, transformei meu rosto, redesenhei o contorno das entradas de meu cabelo, passei por diversas cirurgias, reinventei a maneira de me mover, de

andar, de falar, fiz desaparecer o sotaque nortista da minha infância (Louis, 2024, p. 13).

Esse processo de reconfiguração pessoal é também uma luta por acumulação de *capital* — em suas diferentes formas: econômico, cultural, social e simbólico — conforme desenvolvido por Bourdieu em seu clássico ensaio *The Forms of Capital* (1985). No percurso de Louis, o capital econômico refere-se aos recursos financeiros e materiais que possibilitaram sua mobilidade social e acesso a novos espaços de prestígio. O capital cultural, por sua vez, refere-se aos saberes adquiridos ao longo de sua formação acadêmica e sua inserção em contextos intelectuais. O capital social se expressa nas redes de relações que o autor-narrador-personagem, a partir de sua ascensão, pode mobilizar para garantir sua inserção em esferas de prestígio. Já o capital simbólico, por sua vez, revela-se através do reconhecimento social, que legitima sua ascensão e possibilita a reconfiguração de sua identidade, propiciando-lhe o rompimento com os códigos e normas do *habitus* de sua origem.

Por fim, e não menos relevante, é necessário considerar o conceito de violência simbólica, elemento central nas teorias de Pierre Bourdieu. O conceito nos ajudar a descrever o processo pelo qual as classes dominantes impõem suas próprias classificações culturais e formas de percepção, apresentando-as como as únicas legítimas. Ao fazê-lo, as elites conseguem que as classes subordinadas internalizem essas imposições, aceitando-as sem questionamento, o que perpetua as desigualdades e as hierarquias sociais de maneira invisível e, muitas vezes, inconsciente. Segundo Bourdieu,

Se é totalmente ilusório crer que a violência simbólica pode ser vencida apenas com as armas da consciência e da vontade, é porque os efeitos e as condições de sua eficácia estão duradouramente inscritas no mais íntimo dos corpos sob a forma de predisposições (aptidões, inclinações) (Bourdieu, 2012, p. 51).

No caso de Édouard Louis, esse fenômeno é vivenciado também em seu curso de ascensão social, onde a necessidade de abandonar, ou ao menos transformar, os códigos culturais e os valores de sua origem se apresenta de maneira marcante. Desse modo, ao tentar conquistar seu espaço em ambientes mais intelectualizados, Louis experiencia a violência simbólica: a imposição de internalizar os valores e modos de ser das classes dominantes para ser aceito como legítimo, o que implica não apenas em uma transformação social, mas também em um processo doloroso de reconfiguração identitária.

4 A QUESTÃO DO ENSINO NA LITERATURA ÉDOUARDIANA

À luz das reflexões desenvolvidas nos capítulos anteriores — em que propusemos um diálogo entre as teorias do pacto autobiográfico, formuladas por Philippe Lejeune, e as contribuições para sociologia da educação de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron —, buscamos agora aprofundar a articulação dessas perspectivas com uma concepção de literatura como espaço de emancipação humana no ensino. Nesse sentido, compreendida não apenas como expressão estética, mas como instrumento de leitura crítica do mundo, a literatura pode operar como uma chave heurística, contribuindo para a desnaturalização de estruturas de poder e desigualdade.

Diante disso, acreditamos que as autobiografias de Édouard Louis se configuram como exemplos empíricos particularmente fecundos para a elucidação de categorias conceituais centrais à sociologia de Bourdieu e Passeron, com ênfase naquelas vinculadas ao campo educacional, à formação do *habitus* e aos mecanismos de reprodução social. Desse modo, a escrita de Louis tensiona as fronteiras entre o indivíduo e o coletivo, revelando os efeitos práticos da dominação econômica, cultural, social e simbólica sobre os sujeitos historicamente marginalizados.

Nesse cenário, obras como *En finir avec Eddy Bellegueule* (2014) e *Changer : méthode* (2021) podem nos apresentar esse entrelaçamento de modo objetivo, ao abordarem questões sociológicas complexas por meio de uma linguagem mais acessível. Como afirma o próprio autor em entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo*: “Meu sonho é que as pessoas usem o meu livro como uma arma contra a homofobia, a dominação social e a pobreza. E que o usem como uma ferramenta para se reinventarem” (Louis, 2018a).

Desse modo, quando mobilizadas em contextos educativos, essas narrativas permitem que estudantes se aproximem de temas fundamentais como desigualdade, exclusão e violência estrutural, mesmo sem domínio prévio dos referenciais teóricos da sociologia. Dessa forma, a literatura édouardiana assume um papel formativo, contribuindo para a emancipação intelectual de seus leitores ao conectar saberes acadêmicos à experiência vivida.

Nessa mesma hermenêutica, transformando sua história em matéria literária, Louis cria um espaço de visibilidade para sujeitos historicamente silenciados, conferindo centralidade às suas vozes e experiências. Como o próprio autor afirma: “Quando conto minha história, levanto questões que dizem respeito aos outros. Minha

vida é um pretexto para falar sobre coisas maiores” (Louis, 2018a). Tal “pretexto” narrativo, ao ampliar o alcance de temas sociais urgentes, revela-se particularmente valioso do ponto de vista pedagógico, pois instaura um espaço de conscientização e debate.

Compreendendo, assim, a literatura como um campo privilegiado para a leitura crítica da realidade e para a intervenção social, torna-se indispensável refletirmos sobre os limites e as possibilidades que o espaço escolar oferece à constituição de uma educação literária com potencial emancipador. Nesse sentido, como aponta Cyana Leahy-Dios, em *Educação literária como metáfora social* (2004), observamos que a escola, em muitos contextos, ainda se pauta por práticas que esvaziam o sentido crítico da literatura e reproduzem modelos de ensino voltados à memorização, à passividade e ao silenciamento. Conforme a autora assinala, “[...] os alunos não são estimulados a problematizar questões literárias, porque não lhes é dado acesso aos instrumentos que poderiam liberá-los como críticos, pensadores e fazedores” (Leahy-Dios, 2004, p. 207).

Nesse panorama, a inclusão das narrativas de Édouard Louis no currículo literário de ensino pode representar uma ruptura importante com práticas pedagógicas tradicionais. Ao mesmo tempo em que convoca a subjetividade do leitor, sua obra promove uma análise crítica das estruturas sociais que produzem desigualdades. Como nos diz o autor-narrador-personagem, ao analisar o seu próprio percurso:

Foi uma surpresa para mim, quando cheguei a Amiens, ver que para os filhos da pequena burguesia da cidade estudar não era uma coisa que se questionasse, até para aqueles que não tinham notas boas ou que não gostavam da escola, enquanto na nossa cidade estudar devia ser resultado de uma vontade, de uma luta, e que, para aqueles que não tinham boas notas, o óbvio era não estudar (Louis, 2024, p. 69).

Dessa forma, a articulação entre a experiência individual e os mecanismos coletivos de dominação, presentes nas obras de Louis, torna-se, então, uma ferramenta importante para o exercício da consciência de classe, quando mediada por uma pedagogia comprometida com a formação de sujeitos ativos e reflexivos. Essa proposta, no entanto, exige uma reconfiguração do papel do professor de literatura. É necessário que o docente deixe de ser um mero transmissor de conteúdos para assumir-se como mediador crítico entre o texto e o leitor. Como aponta Leahy-Dios,

Nessa visão, o professor perde o papel de transmissor neutro; o aluno, o de

receptor passivo; e o saber deixa de ser material imutável a ser repartido. Ao contrário, esse conceito de pedagogia focaliza as condições e os meios através dos quais o conhecimento é produzido, pois todas as pedagogias se situam de forma específica e contingente em relação aos campos culturais nos quais operam (Leahy-Dios, 2004, p. 206).

Trata-se, então, de uma concepção pedagógica que reconhece a sala de aula como espaço de produção compartilhada de sentidos, em que o saber não é dado, mas construído nas interações entre sujeitos históricos situados. Dessa maneira, compreendemos que o processo de ensino-aprendizagem literária precisa valorizar a construção coletiva do saber, considerando as experiências dos alunos como parte legítima da leitura e da interpretação.

Nessa perspectiva, a literatura oferece subsídios importantes para a reflexão crítica da sociedade. No entanto, esse potencial nem sempre é plenamente explorado no contexto escolar. Como observa Leahy-Dios (2004, p. 209), alinhada à concepção freiriana de educação tradicional, a prática literária nas escolas tende, muitas vezes, a reproduzir uma pedagogia de silêncios — caracterizada pela recusa em questionar saberes estabelecidos e pela omissão diante de temas como dominação, desigualdade, gênero e raça. Tais silêncios, como bem observa a autora, não são neutros, mas sim profundamente ideológicos, pois reforçam uma lógica de exclusão que afasta muitos estudantes do universo literário. Romper com essa lógica é, portanto, essencial para a construção de uma educação mais crítica e transformadora.

Nesse contexto, a inserção de obras édouardianas no Ensino Médio pode contribuir para uma pedagogia comprometida com o engajamento social. Um exemplo eloquente dessa abordagem encontra-se na maneira como o autor-narrador-personagem articula, em sua narrativa, os efeitos do *habitus* e da distribuição desigual de capital cultural em seu âmbito escolar:

Eu me dedicava, mas fracassava. Estava muito atrasado em ciências e em matemática e não conseguia recuperar o atraso. Estava melhor em francês e em história graças a todas as referências que aprendi com Nadya e Elena, e podia constatar a que ponto o meio familiar favorece os estudos (Louis, 2024, p. 70).

Nessa hermenêutica, mais do que transmitir conteúdos, trata-se de estimular o pensamento crítico e o questionamento das estruturas sociais que organizam tanto o espaço escolar quanto a sociedade. Em outra passagem, Louis revela com sutileza os efeitos da reprodução social e da violência simbólica no cotidiano escolar:

Na escola, quando eu entregava minhas tarefas cobertas de manchas de gordura e de molho de tomate, porque minha mãe cozinhava na mesma mesa em que eu estudava, a professora de francês ria, pelo menos, sr. Bellegueule, sabemos o que você comeu ontem, e eu ria também (Louis, 2024, p. 68).

Nesse cenário, a ironia da professora, ainda que revestida de humor, reforça a distância entre os *habitus* em jogo e evidencia como a escola pode atuar como espaço de legitimação das desigualdades. Diante disso, é indispensável uma mediação docente sensível e crítica, capaz de oferecer aos estudantes as ferramentas conceituais necessárias para uma leitura contextualizada dessas experiências e para a construção de saberes comprometidos com a justiça social.

É igualmente fundamental que o trabalho com a literatura nas escolas não se restrinja à reprodução de informações sobre os textos, mas promova, efetivamente, a reflexão sobre os modos de ler e interpretar. Como enfatiza Leahy-Dios (2004, p. 218), “[...] a simplicidade [...] não pode ser confundida com a ausência de complexidade reflexiva”. Dessa maneira, o desafio pedagógico, portanto, não está em facilitar os conteúdos de forma acrítica, mas em construir, junto aos estudantes, as condições para que enfrentem a complexidade dos textos e elaborem leituras situadas, conscientes e politicamente implicadas.

Ao incorporarmos, portanto, as autobiografias de Édouard Louis ao espaço de ensino, propomos uma prática literária que recusa a neutralidade e assume plenamente sua dimensão social e política. Essa escolha nos permite, por um lado, democratizar o acesso ao conhecimento literário — rompendo com a lógica elitista ainda presente em muitas práticas escolares — e, por outro, oferecer aos estudantes a possibilidade de se apropriarem da literatura como ferramenta de nomeação de suas experiências, de análise das estruturas sociais e de elaboração de um projeto de mundo.

Assim, ao articularmos as contribuições para a sociologia da educação de Bourdieu e Passeron; o conceito de pacto autobiográfico, tal como formulado por Lejeune; as reflexões da professora Leahy-Dios e as narrativas de cunho autobiográfico contemporâneas de Édouard Louis, delineamos um caminho fecundo para uma educação literária social e transformadora. Nesse sentido, entendemos que a literatura, quando mobilizada a partir dessa perspectiva, pode se tornar não apenas um espaço de fruição estética, mas uma prática de construção de saberes que afirma a dignidade das experiências vividas, abrindo espaço para novas formas de pensar e existir.

5 ÉDOUARD LOUIS EM SALA: UMA ATIVIDADE AUTOBIOGRÁFICA

Em consonância com as discussões anteriores, proporemos uma sequência pedagógica fundamentada na literatura édouardiana, com ênfase no ensino literário, particularmente por meio da análise de textos autobiográficos em francês. Desse modo, estruturaremos a abordagem a partir de um trecho do livro *Changer : méthode* (2021). Nosso objetivo é favorecer a compreensão dos elementos constitutivos do gênero autobiográfico, bem como incentivar uma reflexão crítica sobre a dimensão social da escrita de Édouard Louis. Assim, direcionaremos a atividade a turmas do Ensino Médio, no contexto do ensino de Francês.

Nesse cenário, iniciaremos a aula com uma etapa de sensibilização, na qual apresentaremos aos alunos uma fotografia de nosso acervo pessoal ao lado de Édouard Louis, tirada durante uma sessão de autógrafos de seu livro *L'Effondrement* [O Colapso], publicado em 2024 na França pela Éditions du Seuil.

Figura 1 – Édouard Louis e Paulo Cesar Junior na livraria Les Cahiers de Colette em Paris



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

A imagem servirá como ponto de partida para captar o interesse dos estudantes, dando início a uma conversa sobre a figura de Édouard Louis e os possíveis motivos que levam alguém a escrever sobre a própria vida. Realizaremos também questões para sondar o conhecimento prévio da turma e promover uma discussão sobre a função social de seus textos.

Em seguida, entregaremos aos alunos um excerto do livro *Changer : méthode* (2021), no qual Édouard Louis relata uma lembrança de infância marcada pela pobreza e pela reação da professora à sua situação:

Pendant toutes les années où j'avais vécu avec toi j'avais fait mes devoirs dans la seule pièce commune de la maison, tu regardais la télévision, tu fumais, tu haussais les épaules en disant que l'école ne servait à rien, et mes frères et soeurs se parlaient pendant que ma mère cuisinait à la même table, la table sur laquelle j'essayais de finir mes devoirs. Il n'y avait pas de bureau dans les chambres, elles étaient trop petites, et de toute façon puisqu'il n'y avait pas de porte les chambres étaient aussi bruyantes que la pièce commune. Au collège quand je rendais les devoirs recouverts de taches de graisse et de sauce tomate à cause de la cuisine que ma mère faisait à la même table que celle où je travaillais, l'enseignante de français riait, Au moins monsieur Bellegueule on sait ce que vous avez mangé la veille, et je riais aussi (Louis, 2021, p. 95-96).

Faremos a leitura inicialmente, em voz alta, e depois pelos próprios alunos, de forma silenciosa. Na sequência, proporemos uma atividade de identificação de elementos linguísticos próprios da autobiografia. Os estudantes deverão localizar pronomes de primeira pessoa do singular (como “*je*”, “*mon*”, “*me*”) e observar de que maneira esses elementos constroem a perspectiva pessoal do texto. Trabalharemos também o vocabulário relacionado ao texto e às desigualdades sociais, com atenção ao tom irônico e crítico da narrativa.

Em seguida, promoveremos um momento de discussão em pequenos grupos, para que os alunos possam refletir sobre os aspectos sociais presentes no texto, especialmente as relações entre classe social, escolarização e preconceito. Essa etapa permitirá desenvolver a interpretação do texto e o diálogo entre a experiência pessoal e o contexto social.

Como atividade de encerramento, proporemos aos alunos a escrita, em francês, de um parágrafo autobiográfico que reflita sobre algum aspecto social de seu percurso escolar. Os estudantes poderão, por exemplo, abordar a acessibilidade dos materiais didáticos ou relatar situações em que tenham se sentido excluídos em razão de sua condição social. Nosso objetivo é levá-los a compreender a escrita autobiográfica não apenas como expressão de vivências individuais, mas como uma prática que se entrelaça a questões sociais, isto é, coletivas.

Assim, nossa proposta de aula articula o trabalho com gêneros textuais e competências linguísticas a uma abordagem literária sensível à realidade dos estudantes. A escolha de um autor contemporâneo e engajado como Édouard Louis reforça, nesse contexto, o potencial da literatura autobiográfica como ferramenta pedagógica no ensino de línguas estrangeiras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa, ao longo deste trabalho, teve como objetivo articular literatura, sociologia e pedagogia, a partir da obra de Édouard Louis, buscando compreender de que maneira suas narrativas autobiográficas podem ser mobilizadas no contexto educativo como instrumento de leitura social. Dessa forma, ao cruzarmos os aportes teóricos de Lejeune, Bourdieu, Passeron e Leahy-Dios com os textos de Louis, afirmamos a potência de uma prática literária que não se limita à estética, mas que se engaja na denúncia das desigualdades e na construção de espaços de escuta e reconhecimento para sujeitos historicamente marginalizados.

Nesse contexto, percebemos que a literatura édouardiana, ao tensionar a fronteira entre o individual e o coletivo, propõe uma reconfiguração do papel da escrita e da leitura na formação dos indivíduos. Dessa forma, suas obras funcionam como dispositivos literários capazes de revelar os mecanismos de reprodução social e de violência simbólica, sobretudo no campo escolar. Assim, a introdução dessas narrativas no espaço da escola não se restringe à ampliação do repertório literário, mas sinaliza uma escolha política e epistemológica: a de colocar o ensino de literatura a serviço da emancipação humana.

Defendemos, portanto, uma prática educativa que reconheça a sala de aula como espaço de construção coletiva do saber, em que a experiência vivida dos estudantes seja legitimada como ponto de partida para o trabalho com os textos. Para tanto, é imprescindível que o professor assuma um papel mediador, capaz de ativar os vínculos entre linguagem, subjetividade e estrutura social. Nesse contexto, a literatura torna-se um território fértil para a problematização das normas, das exclusões e das hierarquias — um campo de resistência frente à lógica de silenciamento que ainda marca muitas práticas escolares.

Portanto, concluímos que as autobiografias de Édouard Louis não apenas iluminam aspectos fundamentais da sociologia, mas também oferecem caminhos pedagógicos para o desenvolvimento de uma educação literária comprometida com a transformação social. Desse modo, ao serem lidas, discutidas e ressignificadas no espaço do ensino, essas obras contribuem para que os estudantes reconheçam seus próprios conflitos, ampliem sua capacidade de análise e reafirmem a legitimidade de suas trajetórias sociais. Em suma, ao aproximarmos a literatura da vida, reafirmamos seu papel como prática social e política, profundamente necessária em contextos educativos que aspiram à justiça, à equidade e à liberdade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. *In*: RICHARDSON, John G. (org.). **Handbook of theory and research for the sociology of education**. Westport: Greenwood Press, 1986. p. 241-258.

CAMPOS, Laura Barbosa. Autobiografia e trajetória social: escritas auto-sócio-biográficas de expressão francesa. *In*: NOGUEIRA-PRETTI, Luciana Persice (org.). **Literaturas Francófonas VI: debates interdisciplinares e comparatistas**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 389-400. Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/literaturas-francofonas-vi-debates-interdisciplinares-e-comparatistas/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

LAHIRE, Bernard. Entrevista com Bernard Lahire. **Cronos**. Natal: Revista da Pós-Grad. em Ciência Sociais, UFRN, vol. 10, n. 2, p. 165-177, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3293/2681>. Acesso em: 9 maio 2025.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social**: Desvios e rumos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

LOUIS, Édouard. Roda Viva | Édouard Louis. Entrevista cedida a Vera Magalhães. **Youtube**, 2024. 1 h 40 min 20 s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wn7RxTuQc4U&t=4595s>. Acesso em: 16 abr. 2025.

LOUIS, Édouard. **Mudar**: método. Tradução de Marília Scalzo. São Paulo: Todavia, 2024.

LOUIS, Édouard. **Lutas e metamorfoses de uma mulher**. Tradução de Marília Scalzo. São Paulo: Todavia, 2023.

LOUIS, Édouard. **Changer** : méthode. Paris: Seuil, 2021.

LOUIS, Édouard. Édouard Louis volta à infância miserável para investigar as origens da violência. Entrevista cedida a Maria Fernandes Rodrigues. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 2018a. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/edouard-louis-volta-a-infancia-miseravel-para-investigar-as-origens-da-violencia/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

LOUIS, Édouard. **O fim de Eddy**. Tradução de Francesca Angiolillo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018b.

LOPES JUNIOR, Paulo Cesar da Silva. **Édouard Louis e Paulo Cesar Junior na livraria Les Cahiers de Colette em Paris**, 2024. Acervo pessoal.

LOPES JUNIOR, Paulo Cesar da Silva. **Na vida e na escrita**: o universo autobiográfico de Édouard Louis em *O fim de Eddy* e na *História da violência*. 2022. 78f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/18489>. Acesso em: 27 abr. 2025.